1.º anno Lisboa, 1 de julho de 1884 Numero 1

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

SUMMARIO

CHRONICA

As eleições—O vacuo nos theatros—Actores portuenses e actores hespanhoes—Preferencias significativas—Litteratura dramatica contemporanea—A princeza Rattazzi—A revisão e o divorcio em França—O governo Ferry interpellado por uma questão de touros—Alexandre Dumas e os tribunaes francezes—O bello sexo nihilista.

A chronica tem de iniciar-se registrando a consummação d'um facto solemne—a eleição geral para deputados ás proximas côrtes constituintes.

A PASSAGEM DO RIO (Copia d'uma photographia da ex.ma sr.a D. Margarida Relvas)

No momento em que escrevemos, esse facto deve já ter-se ultimado em grande numero de circulos do paiz, com uma liberdade de suffragio sem precedentes nos annaes da nossa historia politica.

É provavel, é quasi certo, mesmo, que amanhã, os vencidos na lucta da urna venham dizer que tal liberdade não houve, dando expansão á triste lagrima que se gera nas infinitas amarguras da derrota.

Essa mentira será o unico desabafo dos que não souberam conquistar as boas graças do eleitor indigena, e nós temos a maxima tolerancia para todos os desabafos do proximo, quando elles não offendam a moral publica.

=Faz-se pouco a pouco o vaçuo absoluto nos theatros da capital. Os artistas *portuenses*—chamemos-lhe assim, por obsequio á cidade invicta, apesar de quasi todos elles serem nossos e muito nossos—levantaram o vôo do Gymnasio e bateram as azas para outras paragens, levando nos ouvidos o echo dos ultimos applausos merecidamente conquistados, e na bolsa... a nostalgia do dinheiro que não conseguiram ganhar.

A companhia hespanhola dos Recreios, em que ha varios maestros de fama, boa porção de cantores distinctos e um numero soffrivel de coristas archi-feias, tambem vae despedir-se de nós, mas essa,—bem mais feliz que a do Porto,—leva a mala recheiada de boas libras, e o peito dos seus directores artisticos vistosamente adornado com habitos de Christo.

Esta preferencia do nosso publico pela *troupe* do theatro da Zarzuela, de Madrid, e o paternal desvelo com que o nosso governo condecorou os maestros do reino visinho, deixam-nos antever que a união iberica está muito longe de ser um mytho, pelo menos no que diz respeito ás hespanholas e ás artes.

=Não promette ser muito notavel, quanto á apresentação de boas peças originaes portuguezas, a proxima futura epoca theatral que se prepara. As traducções mascavadas e insulsas fervilham nos archivos das casas de espectaculo lisbonenses, consistindo n'isso a nossa litteratura dramatica contemporanea, uma litteratura de emprestimo e de contrabando, que apresenta, além d'outros defeitos, o de ser altamente pornographica e sufficientemente desmoralisadora.

Ha dias contaram-nos a seguinte anedocta, que dá bem a medida do numero fabuloso de traducções réles atiradas pelos candongueiros da lettra redonda para o repertorio dos theatros de Lisboa.

Certo traductor d'officio levou uma peça d'este genero ao emprezario d'um theatro de primeira ordem, para que elle a visse.

Passam-se mezes e a resposta não chega. O traductor, desapontado, vae a casa do emprezario e reclama o manuscripto.

O emprezario procura sobre as secretarias, em cima das mesas, nos armarios e nas estantes, e não encontra a peça do homem.

—O seu manuscripto perdeu-se, meu caro, diz-lhe elle por fim.

Depois, apontando para um masso incommensuravel de cadernos de papel, acrescenta, sorrindo:

—Mas não se apoquente por isso; se quer um outro em troca, leve; tenho aqui mais de duzentas traducções!

=Acha-se entre nós uma princeza de sangue, *doublée* d'uma escriptora distinctissima, viuva de dois maridos illustres pelo seu nome, actualmente esposa d'um outro que o não é menos pelo talento, e mãe d'uma gentilissima creança, que tem tanto de formosa como de caritativa. Essa princeza e essa escriptora é madame de Rute.

Diz-se que veio a Portugal colher apontamentos para um novo livro sobre a vida e costumes do nosso paiz.

A ajuizar pela recepção fraternal e delicadissima que a illustre redactora das *Matinées Espagnoles* fez, em Madrid, no seu feerico palacio da calle Montalban, aos jornalistas portuguezes, é de crer que este novo trabalho litterario seja o *mea culpa* das injustiças semeadas a esmo nas paginas do seu *Portugal a vol d'oiseau*, a penintencia imposta por si mesma ás picadas d'alfinete que, menos reflectidamente, lhe aprouve em tempos vibrar-nos.

A chronica, dando as boas vindas á talentosa escriptora, faz entranhados votos para que ella se nos mostre d'esta vez mais justa e menos cruel.

*
* *

Em França, os debates sobre a revisão constitucional e o restabelecimento definitivo do divorcio constituem os assumptos capitaes do dia, despertando vivamente as attenções dos republicanos d'ambos os sexos.

Quanto á revisão, já não é sem tempo que a Camara franceza se resolve a abordal-a de vez. A' força de ser proposta, debatida na imprensa, agitada, adiada e edulcorada, tornara-se importuna, massadora, estopante.

Segundo nos affirmam as folhas parisienses, o auctoritario sr. Ferry teima em não querer convocar uma Assembléa constituinte especial, que realise legitimamente aquella phantasia do seu espirito irrequieto.

=O Senado votou finalmente o restabelecimento da famosa lei do divorcio, conquistando por tal meio as boas graças do bello feminino. Debalde varios senadores theologos tentaram provar que o projecto Naquet violava os sentimentos catholicos, citando, para reforço d'este asserto, Santo Agostinho, S. João Chrysostomo e quasi todos os Padres-mestres da Egreja.

A Camara alta, na sua altissima sabedoria, votou emfim o «adulterio legal» essa chaga que, sob o imperio da lei de 1804, produziu, entre outros males, a desordem nas familias, e a corrupção e a venalidade da mulher.

Já o bello Adhemar do *Divorçons* não terá hoje de recorrer ao estratagema ridiculo d'um telegramma apocripho, para conquistar a mão e o amor da gentil priminha Cypriana. Legalisou-se o adulterio na França civilisada, a contento das mundanas pervertidas. O reinado da peça de Sardou acabou pelo triumpho de Naquet.

Bem rasão tinha José de Maistre para dizer que os francezes estavam sempre contentes, comtanto que os não matassem.

Não os mataram, mas deram-lhes o divorcio e vão dar-lhes uma revisão constitucional. Elles acceitam tudo, ainda que não preste, e sorriem, e vivem felizes no melhor dos mundos possiveis, até que a feroz Allemanha se lembre de lhes lançar outro mau olhado!

Uma anedocta a proposito do assumpto:

Perguntam ao sr. Anastacio qual é a sua opinião sobre a lei que restabelece o divorcio.

—Quanto a mim, responde elle, acho-a detestavel para os celibatarios.

—Detestavel porque?

—Porque os força a casar para poderem aproveitar-sa d'ella.

=Dissemos quaes eram as questões palpitantes do dia, em França, mas faltou-nos ainda accrescentar uma:—as touradas.

O governo Ferry acaba de ser interpellado por dois deputados, ácerca da interdição das corridas de touros no Meiodia do territorio.

N'uma época politica, em que ha tanta cousa séria a discutir, tanto problema grave a resolver, dois paes da patria francezes, um realista puro e outro republicano radical, separados por um abysmo, conciliam-se a ponto de dar as mãos n'uma questão de touros, de bandarilhar o gabinete a proposito d'um sangrento espectaculo de circo.

A flôr de lyz e o barrete phrygio a unirem-se n'um estreito amplexo, quando se trata de estripar cavallos e de queimar um touro vivo, não deixa de ter sua graça pela originalidade.

Ao menos por cá, ainda se não vio coisa parecida, nem nos consta que o sr. Arriaga e o sr. Navarro houvessem fraternisado em assumptos que interessam o Botas e o Pintasilgo.

=A primeira camara do tribunal civil de Paris emittiu já o seu veredictum, no processo instaurado por Alexandre Dumas filho, contra o pintor Jacquet, a proposito da famosa aquarella conhecida pelo nome do *Judeu de Bagdad*, que em tempos se exhibiu na exposição dos aquarellistas e que era o retrato vivo do auctor da *Dama das Camelias*.

O tribunal resolveu que Jacquet não podesse dar á publicidade, por qualquer forma, o celebre *Marchand juif* promotor do escandaloso litigio com Dumas, e condemnou o artista nas custas do processo.

Em Portugal caricatura-se ridiculamente a realeza, com os altos funccionarios do Estado á mistura, e não se promovem processos, o não se pagam custas, e os tribunaes riem-se.

Estavamos quasi decididos a brindar pela magistratura republicana da França, se vissemos que as suas iras contra Jacquet não se estendiam a mulheres indefezas e tresloucadas como Louise Michel.

*
* *

Contra o que muitos ingenuos esperavam, a raça dos Nobiling e dos Passananti não se extinguiu com o correr dos tempos e com o rigorismo das leis. E' uma seita maldita de desesperados e de fanaticos, que se reproduz e que ha de existir sempre, a despeito dos horrores do cadafalso e das inexorabilidades da justiça.

Agora, até o sexo fraco, pouco talhado para as luctas da dynamite, começa a filiar-se na seita exterminadora, continuando a obra iniciada pelos torpes regicidas de hontem.

O imperador da Allemanha esteve ha dias em risco de soffrer a mesma sorte do czar Alexandre II, seu collega, mas d'esta vez não era um monstro barbado que havia de praticar o horrendo crime; era uma filha d'Eva, uma *virago* de saias, mensageira dos anarchistas, que se encarregára da missão assassina.

Por felicidade, a policia prussiana poude lançar mão d'esta furia, na *gare* d'Elberfeld, apprehendendo-lhe varias malas recheiadas de dynamite.

Decididamente, não se póde ser rei, nem mesmo d'opera comica. Está-se sempre em risco de acabar como Alexandre da Russia ou de levar uma pateada.

C. Dantas.

A ELEGIA DO PIANO

Quantas vezes o amaldiçoei, Deus do céu! Era um piano asthmatico, desdentado, que todas as tardes, á hora do sol posto, tos-

sia invariavelmente uma d'estas valsas com que se acompanhava outr'ora a recitação de poesias. Queria ser melancholico, o maldito, era simplesmente irritante! suspirava dengosamente aquella melopéa monotona e chorona que me dilacerava os nervos. Depois lá lhe falhava uma nota, e a melôdia coxeava. E todas as tardes, invariavelmente, quando eu me levantava do trabalho, e ia fumar um charuto para o jardim, lá ouvia o piano do segundo andar suspirar desentoadamente:

Sentes além no retumbar da serra

Cheguei a conceber o pensamento de um crime. Ás vezes era suave a tarde, uma tarde de primavera, as ruas exhalavam um aroma suavissimo, o pensamento voava-me pelos mundos sideraes, e o riso fresco e argentino dos meus filhos coava-me nas veias uma alegria ineffavel. Todo me enlevava n'aquellas cabeças loiras, que se escondiam atraz das arvores, que reappareciam radiantes com os seus rostinhos de *keepsake*, que balbuciavam «papá» com umas notas encantadores, que resumiam em si a mais sublime de todas as melodias, quando de repente o piano começava:

Turututum .. tum .. tum... tum .. tum. . tum.

Eu levantava-me furioso e ia buscar a faca da cosinha. Premeditava um crime, positivamente, estava já a dois passos do assassinio. Depois tinha as suas variantes o desalmado. A dona do instrumento de vez em quando queria aprender uma aria nova, sempre elegiaca. Se ella tocasse ao menos a *Mascotte* .. com os diabos, vá! mas não senhores, pendia para a tristeza. Do *sentes além* quiz subir ao *Addio del passato*, e aprendia a *Traviata* com pedal por cima da minha cabeça. Emquanto eu andava á procura da solução de um problema historico, emquanto seguia com este prazer intenso que dá a contensão do espirito n'uma pesquiza interessante, o fio de uma idéa.. zás, o pedal a trabalhar, e as notas do canto de Violeta a sairem lamentaveis e desafinadas do piano meu visinho. Era de um realismo feroz, o piano; em vez de cantar, tossia como deve tossir uma phtysica no ultimo grau. Aquella musica enervante e burlesca, o bater continuado do pedal, tornavamme furioso. Não havia meio nem de pensar, nem de escrever, nem de rir, nem de sonhar com semelhante visinhança. Tinha um realejo na escada, um verdadeiro orgão de Barbaria, que despejava sobre mim, mais ou menos, todo o santissimo dia, a sua eterna e bestificante choradeira.

Um dia não pude conter-me. Peguei no chapeu, e subi a escada. Não sabia o que ia fazer, mas ia ter uma scena terrivel. Provavelmente a dona do piano era alguma rapariga pallida e languida, que se alastrava pelos sophás, como a Lauriana de Gervasio Lobato, que lia os romances traduzidos dos gabinetes de leitura, que punha os olhos em alvo para fallar com os habitantes d'este mundo terreal, e a quem eu teria de chamar á realidade das coisas, pedindo-lhe que prevenisse a mamã de que o seu piano e o seu pedal constituiam um caso redhibitorio dos mais graves, visto que o «Sentes além no retumbar da serra» devia ter sido incluido no arrendamento. Um piano assim chorão e sem dentes podia ser equiparado a um estabelecimento insalubre, e banido pela policia da visinhança de gente christã.

Bati á porta, e foi a pianista que abriu. Não era possivel, pois, o engano. O piano emmudecêra, seguira-se o arrastar do banco, depois senti passos que se approximavam, deu-se volta á chave, e eu vi, lá ao fundo, o piano momentaneamente abandonado.

Diante de mim estava a pianista: uma rapariga fresca, de olhos brilhantes e alegres, alta e desempenada, com um bom sorriso nos labios, vestida simplesmente e á vontade, penteada um pouco ao acaso, sem pretenções, uma physionomia completamente diversa da que eu imaginava.

Em presença d'esta boa rapariga, todas as minhas philippicas fugiram em debandada.

—Quer alguma coisa, visinho? disse-me ella sorrindo.

—Não, minha senhora, balbuciei, vinha tão distrahido... que me enganei na porta .. Desculpe-me, sim?

—Ora essa!

Troca de cumprimentos, e eu desci a escada perfeitamente desnorteado.

Então procurei informações. Moravam n'aquella casa mãe, filha, e um filho. Trabalhavam todos corajosamente, sem distracções, nem divertimentos. Apenas a rapariga appetecêra um dia ardentemente um piano. Morria pela musica, e, se havia de aproveitar a sua voz fresca para alegrar as horas do trabalho, descantando ao desafio com o seu canario, preferira o piano. Comprára, depois de muitas noites passadas em claro, e a troco de muitas privações, um velho piano arruinado, e sósinha, sem mestre, começára a tirar musica, tocando de ouvido. Não tinha negação, coitada, pelo contrario. Começava simplesmente pelas coisas mais faceis, e fizera de mim, involuntariamente, a victima das suas estreias.

Dias depois, o piano emmudecêra. Soube com surpresa que adoecera gravemente a pianista. Uma pneumonia viera rapidamente desbotar as rosas das suas faces. A' pneumonia succedêra uma phtysica galopante. Depois um dia, dia lugubre de um outomno invernal, senti lá em cima choros dilacerantes, gritos angustiosos, a dôr immensa de uma mãe que se expandia em soluços e lagrimas.

*

Entristeceu-me a noticia. Vira apenas uma vez aquella pobre menina, mas a apparição subita e inesperada do seu rosto alegre e bom, do seu limpido sorriso, do seu olhar sereno e honesto, deixára na minha alma como que uma impressão de primavera. Ao abrir-se aquella porta sentira a impressão que sinto, no fim do inverno, quando, ao passar no largo de Santa Isabel, entre os vendavaes e as chuvas, vem o primeiro perfume das acacias denunciar-me abril que se approxima.

Pobre menina! pensava eu; mas depois, com este santo egoismo de quem está rodeado de muitos entes queridos e que só para elles parece que tem ás vezes coração, voltava a immergir-me nas preoccupações de familia, e a cavar nas minhas investigações historicas, sem intervenção do pedal da *Traviata*.

Um dia, ao subir a escada, tive de me desviar para que passasse o piano que descia.

—Vae-se o piano? perguntei.

—Coitada da pobre mãe, disseram-me, teve de vender o piano para pagar o enterro da filha.

O que! pois aquella pobre criança consumira os dias e as noites a trabalhar sem descanço para alcançar a realisação dos seus sonhos innocentes, para ter um piano! um pobre piano escangalhado e velho a que ella podesse comtudo pedir que redissesse em notas as melodias da sua alma, um piano que fosse o confidente discreto das primeiras pulsações do seu coração, das primeiras alegrias da sua mocidade e das primeiras lagrimas dos seus amores, um piano em que ella estudava ardentemente sósinha, talvez para que o seu noivo a não julgasse inferior ás outras e a não desprezasse por ella não ter uma d'estas prendas com que se ufanam as vaidosas e com que se captivam os tolos, um piano com que ella vinha conversar á hora do levantar do trabalho, e que lhe substituia os rouxinoes que faltavam nas arvores enfezadas do jardim, um piano onde os seus dedos inexperientes e picados da agulha procuravam soffregamente o echo longinquo e vago d'essas melodias sublimes em que os grandes maestros encerram a expressão definitiva do amor com as suas tristezas ethereas e os seus ineffaveis jubilos, e esse piano, que estava destinado a ser o companheiro querido da sua mocidade laboriosa, viera a ser apenas o fiador do seu enterro! Comprando-o, julgára talvez comprar o seu veu de noiva, e comprára, inconsciente e alegre, a sua mortalha! Julgára levar para casa uma gaiola de rouxinoes que lhe cantassem debaixo dos seus dedos, na hora do descanço, as suas melodias predilectas, e comprára apenas o *De Profundis*, que lhe fôra psalmear distrahidamente sobre o caixão um padre mercenario! E, ao lembrar-me de tudo isso, e ao pensar n'aquella irradiação de sol e de alegria que penetrára na escada, quando eu fôra interromper ferozmente o dialogo d'esse velho piano e d'essa criança descuidosa, e ao lembrar-me que ella dormia agora sob os cyprestes, na cova que fôra paga por esse piano indifferente e inerte, senti quasi uma dôr profunda, e as lagrimas subiram-me do coração aos olhos.

Era a primeira vez que o piano me fazia chorar. Debalde elle suspirara o canto elegiaco de Violeta, debalde elle murmurára as mais plangentes melopéas, a unica elegia que d'elle se desprendera, mais commovente do que uma sonata de Beethoven, mais profundamente dilacerante do que a *Marcha funebre* de Chopin, fôra a que elle me segredára ao espirito, quando passára junto de mim, na escada, frio, mudo, fechado, para ir pagar o enterro d'aquella doce criança.

PINHEIRO CHAGAS.

JUVENTUDE

IDYLLIO

Poisa a abelha na flôr, extráe o mel, volteia,
Solicita e feliz, em torno da colmeia.
Sobre a doirada próle, amante e mãe, espera
A toutinegra o noivo. É plena primavera.
O sol a faiscar bate a caudal de prata
Que do açude do oiteiro ao valle se desata.
Todo o prado é relvão, e no pomar sombrio,
O fructo a intumecer, lembra o calmoso estio.
Perde o aspecto minaz o toiro sobranceiro,
Deitado no hervaçal, manso como um cordeiro.
O novilho brincão lá vae—campina fóra—
Em procura da mãe que o reclamou agora.
Canta ao longe, na costa, o mar de bom humor,
E alegre tambem canta o insecto zumbidor.

Concerto universal do amor e da virtude.
Eterna primavera—és tu, ó juventude!

BULHÃO PATO.

DEPOIS DA BATALHA

NO BANHO

Copia d'um quadro de Mantegazza

A ORAÇÃO DA NOITE

O MORANGO DO DIABO

(Imitação)

Elle voltou-se, emquanto o cavallo caracolava, percutindo as pedras com a ferradura.

Luiza estava á janella: o sol doirava os seus finos cabellos setinosos, e nos seus grandes olhos pardos lia-se a plenitude de uma alma feliz. Curvou-se no peitoril, vibrante de alegria, e atirando um beijo nas pontas dos dedos, gritou, com uma bella voz argentina, que cantou na radiosa atmosphera matinal:

—Jorge! não te demores, vou apanhar morangos e esperar-te-hei para os comermos antes do almoço.

Jorge fez que sim e partiu a galope.

A manhã estava deliciosa: nas folhas dos arbustos o orvalho irisava-se com faiscações de diamante; os fenos, refrescados pela chuva que caira de noite, exhalavam um bom cheiro penetrante e sadio; ao longe, na linha azul da collina, os moinhos recortavam-se com um tom aerio de grandes aves, engolfando-se no ether.

Jorge sentia-se doidamente feliz: a primavera parecia-lhe uma estação divina, e a doce creatura, que colhia áquella hora morangos, pendendo sobre o canteiro a sua cabecita loira e espirituosa, completava o encanto d'essa estação, que Deus creou expressamente para as *luas de mel*.

*

De repente, Jorge estremeceu e puchou a redea ao cavallo. Uma mulher, vestida com petulante garridice, coberta de rendas e flores, vinha ao seu encontro.

—Bons dias, Jorge!

—Bertha! exclamou o cavalleiro, franzindo as sobrancelhas.

—Bertha, sim: de que se admira? Possuo um chalet perto da sua quinta e tentou-me o desejo de felicital-o...

—Minha querida Bertha, volveu Jorge, evitando o fulgor d'esses formosos olhos, perigosamente fascinadores: sou casado e amo minha mulher; o passado morreu, apertemo-nos as mãos e sigamos cada um o nosso caminho.

—Bem sei que ama sua mulher, tornou Bertha, reprimindo um gesto de colera. Deus me livre de perturbar o seu idyllio pastoril. Ninguem aqui me conhece, ninguem poderá saber do nosso encontro. Creio que não lhe fiz a menor exprobação, que não o molestei com as minhas cartas. Só lhe peço que me conceda uma hora... Seja generoso... Os ultimos pedidos dos condemnados respeitam-se.

Jorge não respondia, invadira-o pouco a pouco uma perturbação que lhe sacudia os nervos; apeara-se e caminhava ao lado d'ella.

—N'essa hora faremos as nossas ultimas despedidas; depois... nunca mais me verá.

—Não, não, murmurou Jorge a custo, é impossivel!

Ella apertou-lhe as mãos, fitou-o face a face, agitou a cabeça, pondo no ar o subtil aroma do heliotropio que se exhalava de toda a sua pessoa, e, com uma voz cariciosa, de uma seducção irresistivel, implorou:

—Ora vamos, ingrato, venha almoçar com a sua Bertha. Encommendei morangos; chegaram ha um instante de Lisboa.

Jorge, fascinado, sem consciencia dos seus actos, deixou-se conduzir ao chalet.

Na branca toalha de linho, na casa do jantar, ao rez do chão, os crystaes scintillavam, e os morangos, em pyramides de um rubro appetitoso, o leite mugido, a manteiga fresca, punham na mesa, preparada para um delicioso *tête-à-tête*, uma frescura balsamica de jardim.

De subito, uma voz resoou na estrada, acompanhando o trote largo de um cavallo:

—Bertha! Bertha! trago-te gelo: ainda chego a tempo.

—É meu primo Alfredo, disse Bertha empallidecendo. Volto já, accrescentou, correndo á porta.

Pouco depois, o primo apeava-se e subiam ambos ao primeiro andar.

*

Jorge ficou só na casa do jantar forrada de cretonne de raminhos soltos.

Na parede, ao centro, um grande retrato exhibia Bertha, decotada, risonha, constellada de pedrarias, dilacerando entre os dedos agudos como garras, um lyrio, que destacava, na sua alvura casta, do fundo sanguineo da téla, feito por um largo reposteiro de velludo, apanhado em grossas pregas.

Defronte do retrato da dona da casa via-se a photographia do primo Alfredo, hirto e correctamente frizado, na sua moldura de pelluciа azul.

Jorge fitou longamente o retrato de Bertha.

Pouco a pouco, a cabeça garrida de Bertha, circumdada pelo brilho victorioso dos diamantes, apagou-se, desfez-se como uma miragem, desappareceu da téla: no logar que occupava surgiu uma fina cabeça loira, de uma pureza raphaelesca, esboçando um sorriso candido, grave e meigo.

A cabeça loira parecia despregar-se da téla e vir ao encontro de Jorge; e Jorge, extasiado, dizia a si proprio que nenhum outro homem tinha tocado aquelles labios rosados e frescos, como um botão de rosa, que só elle animára aquella immaculada esculptura, que n'aquelle olhar profundo e limpido como o ceu, não brilhara senão a estrella do seu casto amor!...

—Luiza! murmurou Jorge em segredo, como se receiasse profanar o querido nome, pronunciando-o n'aquelle logar.

Em seguida, correu direito á porta: Bertha, porém, tivera o cuidado, antes de afastar-se, de fechal-a á chave.

Jorge não hesitou: sem perda de um instante, saltou pela janella, montou a cavallo e partiu a galope.

*

Encontrou-a no jardim, resplandecente do fulgor da sua belleza, da alvura do seu penteador, espumado de rendas, e do brilho fulvo dos seus abundantes cabellos de oiro, soltos em espiraes.

Apanhava morangos, curvada para os canteiros, e, no cestinho de verga, os bellos fructos saltavam, com brilhos ardentes de rubi, exhalando um aroma appetitoso e provocante.

Ao vel-o, Luiza bateu as palmas, pegou em um morango, metteu-o na bocca e correu para o marido.

—Ah! Luiza, exclamou Jorge, trincando a metade do fructo e tentando esconder a sua commoção; se soubesses como é bom o morango do Paraiso! ..

Luiza fitou-o com um olhar interrogador.

—Minha querida mulhersinha, acudiu Jorge, não precisas entender; o que é necessario é que eu me esqueça que estive ameaçado de comer o morango do diabo!

Guiomar Torrezão.

DO ULTIMO ROMANTICO

(Ao meu amigo conde de Nova-Gôa)

I

Fico-me ás vezes a scismar n'aquillo
Que era a minha riqueza idolatrada:
O grande e puro coração tranquillo
Da minha amada.

Foi n'esse coração profundo e largo,
Mimoso como os corações das flores,
Que eu, louco! derramei o pranto amargo
Das minhas dores!

Chorei-lhe ondas de lagrimas no peito
Descrevendo-lhe o horror do meu passado,
E a sombria paixão que me tem feito
Tão desgraçado!...

E aquelle coração tranquillo e doce
Foi-se enchendo de maguas e afinal,
Porque era um fragil coração, quebrou-se
Como um crystal!...

Tirei então a derradeira prova
De quanto na desgraça é forte a gente:
Fui eu proprio enterral-o n'uma cova
Piedosamente!

Com esse coração largo e profundo,
N'aquella cova estreita sepultei
O meu passado... E a ninguem mais no mundo
O contarei!...

Macedo Papança—visconde de Monsaraz.

EM FAMILIA

(passatempos)

Com o titulo *Em familia*, encetamos n'este hebdomadario uma secção recreativa, dedicada em especial ás nossas amaveis leitoras de Portugal e Brazil, e onde figurarão, successivamente, charadas, problemas, enigmas, logogriphos, etc., tudo que ajude a matar o tempo e a distrair o espirito.

Convidamos os cultores do genero a enviarem-nos as suas producções, que gostosamente publicaremos, logo que satisfaçam os necessarios requisitos:—não trazerem versos errados e fazerem-se acompanhar das respectivas soluções.

Todas as composições destinadas a esta secção deverão ser sobrescristadas a *Tom Pouce*, travessa da Queimada, 35.

Convencidos de antemão do enorme exito que espera os nososs *Passatempos*, inauguramol-os hoje, para começar, com as charadas e problemas seguintes.

Ou foge, ou põe-te em seguro — 1
Porque aqui ha sempre mortes — 2
Eu mesmo não tenho escapado
Por entre o ferro e seus cortes.

PORTO V. M.

. . . . No ceu
. . . . No mar
. . . . Na physica
. . . . Na musica

Antes do rei é meu irmão que tem este nome—1—2
É da Grecia e corre este homem—2=2
Serve-me para eu escrever na quinta esta meza—2—2

TOM POUCE.

PROBLEMAS

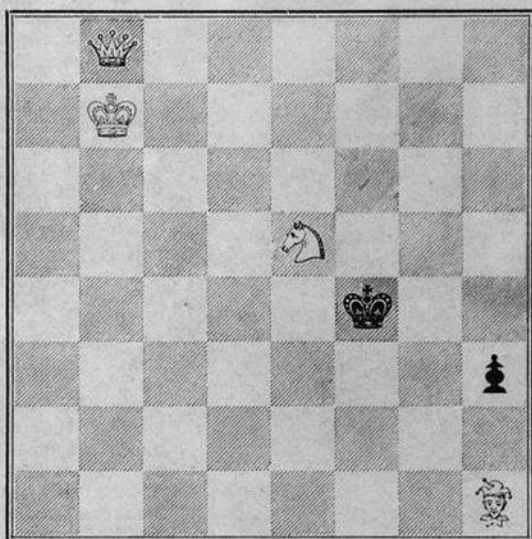
1.º—Quanto possue uma pessoa que diz o seguinte:—Se eu juntasse 30 contos ao que tenho, ficaria com tantos contos a mais de 85 quantos actualmente tenho a menos.

2.º—Uma camponeza vendeu primeiro metade dos ovos que levava e mais meio ovo. Em seguida vendeu metade dos que lhe restaram e mais metade d'um ovo, e finalmente outra vez metade dos que ainda possuia e mais meio ovo. Vendeu assim todos os ovos. Quantos ovos tinha?

M. A.

XADREZ

PROBLEMA N.º 1

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão cheque e mate em quatro lances.

A RIR

Ouvido na esplanada dos Recreios:

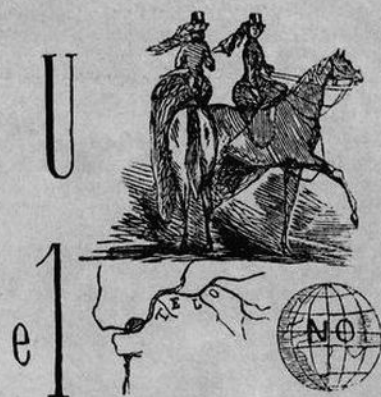
—Você sabe? Circulam por ahi muitas moedas de dois tostões, falsas como Judas!

—Sim?! Mas que meio ha para as conhecer?

—Que meio? Um bem simples. O amigo acceita todas as moe das d'esse valor, que lhe chegarem ás mãos; depois, faz compras, e paga com ellas. Já sabe que as que lhe recusarem são das taes.

UM DOMINÓ.

ENYGMA PITTORESCO

N.º 1

AS NOSSAS GRAVURAS

A PASSAGEM DO RIO

(Copia d'uma photographia da ex.ma sr.a D. Margarida Relvas)

Não ha paizagem deliciosa, exhuberante de colorido e rica de encantos, que esta distinctissima amadora da arte photographica não tenha mettido no foco das suas maravilhosas machinas e estampado sobre o collodio impressionavel das suas chapas de crystal, immaculado e nitido.

Onde a Natureza uberrima esplende os seus thesouros de luz e de verdura, creando panoramas magestosos, lá está o talento peregrino da gentil senhora, a prescrutar attentamente o lado mais poetico do quadro feiticeiro, para o reproduzir, em seguida, segundo os magicos processos da photographia moderna.

A passagem do rio, nos formosos arredores da Gollegã, é um d'esses quadros amimados e cheios de poesia campesina. Vel-o, é estar vendo a alma d'artista que o descobriu e que se impressionou com elle, a ponto de photographar todos os seus detalhes, de reproduzir todos os seus encantos, de copiar fielmente todas as suas extraordinarias bellezas.

A *Illustração Portugueza* honrando as paginas do seu primeiro numero com um precioso trabalho artistico de tão distincta amadora, presta um serviço á Arte e rende uma respeitosa homenagem ao esperançoso talento de D. Margarida Relvas.

DEPOIS DA BATALHA

Rapazes!!...

Este, que a nossa gravura representa, sorumbatico e tristonho, é um garotito de seis annos, quando muito, e revelou sempre, desde o berço, pronunciadas tendencias para imitar as evoluções tacticas da soldadesca da terra.

Onde ha um exercicio militar, lá está cahido o nosso homemsinho, seguindo com a vista prescrutadora as contramarchas cadenciadas dos pelotões, sentindo, aos sons da musica marcial, uns fremitos guerreiros de Napoleão e de Moltke. Se o fitarem atten tamente, verão n'elle, mesmo, certos ares napoleonicos, que d nunciam um bom general do futuro.

Apesar d'isto, não passa, por emquanto, d'um refinado traq nas, que dá bastante que fazer á mãe e que pratica todos os d ao sair da escola, gentilezas dignas de açoite e palmatoria.

Vêem-o de cabeça baixa, labio inferior estendido, mãos nos sos, joelhos no chão, preso pelo braço a uma cadeira? Se o v facilmente advinharão o resto.

Este endiabrado *gamin* ideou uma batalha e arvorou-se e neralissimo dos seus exercitos, compostos de bonecrage chumbo já ferida n'outros combates. A irmãsinha, mais no que elle dois annos, commandava as forças inimigas, com de valor propria do seu sexo delicado e franzino.

No ardor da refrega, o pequeno Palafox, de sabre de pau a e chapeu armado de papel na cabeça, faltando ás attenções que devem ao inimigo, quando esse inimigo é uma *senhora*, vibrou-lh dois botes na testa, prostrando-o a seus pés.

Aos gritos lancinantes do vencido, a mãe veiu lá de dentro pres-

surosa, pensou-lhe os ferimentos com beijos e arnica, e prendeu o vencedor—oh! vergonha!—á perna de uma cadeira!

Assim terá de permanecer, o triste, por largas horas, n'aquella posição humilhante e penosa, se a irmãsinha, apesar de derrotada na escaramuça, não pedir á mãe, com um dos seus mais ternos sorrisos, que o solte d'ali e lhe perdoe os ardores bellicos.

Deploravel epilogo d'uma batalha!

A ORAÇAO DA NOITE

Encantador e singelissimo o quadro!

Uma alcova, tendo por moveis um leito modesto, uma cadeira tosca, uma lampada accesa e um painel da Virgem, do cimo do qual pendem, já murchas, as palmas bentas da ultima festa.

D'entre as alvas roupas da cama, destaca-se o busto angelical d'uma creancinha loira, que reza ajoelhada, cravando os seus grandes e bellos olhos azues na Santa Imagem suspensa da parede.

Amparando-a meigamente, conservando-lhe as mãos unidas, e ensinando-lhe a oração da noite, que a gentil creança repete, n'uma doce melopéa repassada de suavidade encantadora, vê-se a mãe, um outro busto não menos adoravel, de rosto formosissimo meio velado pela sombra, e em cuja fronte pura, de linhas ideaes, se reflectem, a flux, todas as virtudes e todos os sentimentos nobres.

Lá nas aldeias reconditas e ignoradas do Norte, onde não lavra a corrupção dos vastos centros populosos, vêem-se muitos d'estes quadros, singelos na forma e nos lineamentos, mas por isso mesmo esplendidos e inimitaveis, lindissimos e gigantes, irradiando de si a doce poesia do lar, da familia, da innocencia immaculada, do casto amor de mãe co... elle deve exer...-se e revelar-

MULHER DE AROUCA (Copia d'uma photographia de Biel)

NO BANHO

(Copia d'um quadro de Mantegazza)

...alguma vez as creanças podem parecer-nos menos formosas, ...peito das suas cabecinhas gentilissimas e das suas seducto... ...antilidades, é quando nos revelam esse horror instinctivo e ...do pela agua, um horror capaz de transformar em feias ca... ...nas mephistophelicas os rostos ideaes dos seraphins de Mu...

...o, veja-se a nossa gravura de hoje, reproducção fiel d'um ...em que Mantegazza nos patenteia, com as bellas tintas da ...digiosa palheta, o que é um banho de creancinhas.

...scena, palpitante de vida, de realismo e de movimento, pas...se nas proximidades d'uma povoação qualquer, á borda d'um ...go sereno e limpido.

Alguns dos pequeninos já tomaram o banho hygienico. Estão ao ...ollo das mães, quietos e accommodados, ao passo que um do rancho se debate dentro d'agua, nas mãos maternas, e outro faz esforços desesperados para não mergulhar no frigido elemento.

Reparem n'aquellas duas carítas contrafeitas e afflictissimas Fóra d'agua é um gosto vel-os; são dois *babys* deliciosos, lindos, sorridentes, desafiando beijos e provocando caricias. No banho, porém, mudam de aspecto; contorcem-se como endemoninhados; enroscam-se como pequeninas serpentes; saltam como gafanhotos perseguidos pela garotagem. As bocas rosadas e breves, onde pairavam sorrisos encantadores, escancaram-se em berratas satanicas e desafinadas. Os olhos rasgados e limpos, intumecem-se pelo choro. As feições delicadas contrahem-se e decompõem-se, durante a choradeira estrepitosa. Não ha argumento que os convença, caricia que os faça calar, promessa risonha que lhes dê animo para supportar, durante alguns minutos, o frio da agua crystalina.

Ora digam-nos, se o pequenito da esquerda, o que traz suspensa ao pescoço uma medalha benta, não está feio assim, com aquella boca escancarada, e perneando ao lume d'agua, em convulsões diabolicas! E' claro que está.

O peior é que todos nós já fomos egualmente feios .. uns monstrosinhos hydrophobos!...

MULHER DE AROUCA

(Copia d'uma photographia de Biel)

Entre os nossos melhores typos de belleza campezina occupam, indubitavelmente, um logar distincto as mulheres de Arouca e suas cercanias.

Alliando á pujança de formas um donaire peculiar, realçado pelo trajo pittoresco que usam, ha no seu todo o que quer que seja da antiga belleza romana.

A nossa estampa representa uma d'essas formosas mulheres adornada com as suas galas domingueiras. Não é um trabalho de phantasia, mas uma copia muito fiel do natural. A mulher de Arouca vive, e tem muitas companheiras tão gentis como ella.

C. Dantas.

UM CONSELHO POR SEMANA

Se quereis dar á vossa roupa branca e á de vossos maridos um brilhantismo extraordinario, minhas gentis leitoras, empregae a seguinte gomma: um litro d'amidon fervido, 100 grammas de silicato de potassa, 30 grammas de gomma arabica e 60 de assucar refinado.

Tudo quanto fôr engommado com esta mistura apresentar-se-ha polido e luzidio como um espelho.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa